

A PORTA ABERTA...

E eu quero entrar

FORAM cinco anos de caminho; talvez mais, trinta e cinco... E eis-me chegado ao ombrear da porta. O que fica para trás não interessa agora muito. Foram passos dados para construir alicerces: trabalho árduo sobre terreno simultaneamente rochoso e arenoso, de modo a conseguir uma base homogénea, versátil mas segura, onde assente uma construção capaz de resistir a terramotos e com elasticidade para nela conter todos quantos necessitem de encontrar refúgio.

Construção pobre, ansiosa por ser convidativa para os peregrinos de Deus que passam.

Há ainda muitos retoques e acabamentos a realizar. A estrutura e parte da construção estão feitas. O colorido necessita de maior brilho e acima de tudo o interior precisa de mais Luz, de encher-se de Luz para que dela cheguem ao exterior feixes visíveis e iluminadores.

Pois que neste mundo que nunca teve tanta luz, vivem os homens nas trevas e não encontram o caminho da Luz. Neste mundo que nunca teve tantas construções, vivem os

homens ao relento por não encontrarem locais acolhedores, de repouso profundo. Têm casas de cidade, de praia e de campo; têm hotéis onde nada falta... Mas continua a faltar-lhes o lugar onde se sintam homens, o homem total. E esse lugar, que é a experiência da dignidade de filho de Deus, só Jesus Cristo lhes pode dar: pelo Seu amor que leva à vivência da Justiça, tudo transforma e eleva à plenitude do ser homem. É que o atingir este estado humano não depende das casas, hotéis, férias, carros, prazeres, honrarias, poder... Depende, sim, do seguimento do Mestre — e tudo o resto será dado por acréscimo.

A Obra da Rua é construção Iluminada e Iluminadora porque teve a projectá-la a Luz em Pessoa, que todos os dias a renova, embora a Luz seja sempre igual a Si mesma.

Todos nela recebem Luz para as suas trevas: desencanto, desespero, pessimismo, egoísmo, indigência, indiferença, enfartamento... Jesus veio para trazer a Luz aos que vivem nas trevas. Continua hoje a querer fazer chegar a Sua Luz e Ela

Continua na página 4

ÁFRICA

Moçambique

O projecto da nossa Aldeia

As boas notícias são sempre um segredo gerado, muitas vezes, na angústia e sofrimento, até que cheguem à luz do dia. Delas, só Deus sabe antecipadamente. É Senhor do que é Bom e só Ele domina por antecipação os acontecimentos. Por isso,

quando queremos uma boa notícia andamos angustiados, mas confiantes n'Ele que nos mandou a esta vida de aventura e sofrimento.

Após várias contrariedades, está finalmente a ser elaborado o plano de conjunto da nossa Aldeia. O terreno escolhido, mais adequado pela proximidade de água, acessos e exposição, é aci-

Continua na página 3

Motivo de inquietação

Nestes dias (hoje é o de Todos-os-Santos) Angola tem sido motivo de inquietação para muita gente por esse mundo além e, com maior razão, para muitos portugueses, sensíveis como nenhuns outros, à sorte ou má-sorte do Povo angolano.

Assim sucede connosco; e não apenas pelos nossos que lá estão, pelo medo do que possa acontecer-lhes. Acreditamos que ninguém lhes fará mal por querer e que Deus os guardará de qualquer acidente. O que mais magoa é esta marcha-atrás na obra de paz e de reconstrução nacional tão urgente para aquele Povo bem provado por tantos anos de guerra e agora por mais esta perturbação da confiança sem a qual nada de válido é possível.

Os motivos em Angola e Moçambique têm sido admiráveis pela assiduidade das suas notícias, tão prenhes de entusiasmo e de esperança. Elas aí vão, abundantes deste estado de

espírito; fora as requisições constantes de materiais e ferramentas e muitas coisas mais que aguardam aviamento, o qual depende essencialmente da possibilidade de transporte. Que balde de água fria sobre esta sua ânsia ardente de trabalhar e ter com que responder às necessidades gritantes daquele Povo! Quanto tal os não fará sofrer!

Hoje foi um dia de telefonemas de pessoas que acompanham os nossos passos e nos pedem notícias de Angola. As últimas que recebemos, saíram de lá em 21 de Outubro. Sossegavam-nos. Mas desde então?... Nada sabemos senão o que todos podem saber através da Comunicação Social. Bem hajam, porém, pelo seu cuidado amigo e pelo bálsamo que nos foi a sua expressão.

Confiamos, apesar de tudo, no bom senso dos homens. E, por Deus, havemos de poder dar melhores notícias na próxima quinzena.

Padre Carlos



COOPERATIVA DE HABITAÇÃO

Entrega de 19 casas

25 de Outubro de 1992 será mais uma data a registar na já longa história da Obra da Rua.

Comemorando 105 anos do nascimento de Pai Américo, a Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos entregou a 19 famílias de antigos gaiatos, e a alguns descendentes, as chaves de 19 habitações.

Dia de muita alegria para os responsáveis pela Cooperativa, alegria maior para os que receberam as chaves.

Caíram lágrimas de contentamento na face de alguns moradores a verificar que, a partir daquele dia, tinham melhores condições para seus filhos e toda a família — um ambiente mais saudável.

Não fugimos à verdade se dissermos que a quase totalidade dos habitantes jamais teria possibilidades de habitação própria, não fosse a intervenção da Cooperativa.

O empreendimento foi financiado pelo Instituto de Habitação, a quem teremos de pagar os respectivos juros

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

SAÚDE — Temo-lo dito e repetido: os Pobres sofrem mais com a doença. Aliás, nas voltas e reviravoltas do sector da Saúde (não são poucas!), há que dar prioridade à Justiça Social... O Estado, porém, pela lei dos números, esquece tantas as vezes os Pobres!: pensionistas, acamados, terceira idade. Di-lo a prática, constante, de quem supre. Do receituário a tudo mais.

A gente fica feliz com a promoção social — moral e espiritual — dos que visitamos. Cruzamos por tantos e conversamos de irmão para irmão — integrados no meio! Alguns, cuja Fé nos estimula. Rezam por nós outros, pecadores. O valor desta Partilha!

Recentemente, foi para o Céu (não duvidamos) uma velhinha, d'algueres, que levantámos da miséria em momento difícil da sua vida atribulada. Grata, dava sempre louvores a Deus! Não é habitual, e compreende-se no Reino dos Pobres.

PARTILHA — A mensalidade do casal-assinante 11902, do Fundão.

Mais 2.500\$00 da assinante 19886, de Águeda, sofrendo doloroso calvário há muitos anos. Por isso, não esquece o dos Pobres. Rico investimento no Banco da Providência!

Valioso cheque do casal-assinante 11657, de Braga, que divide «um terço para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, aplicado no que for mais necessário. Peça para guardarem anonimato e não é preciso agradecerem. Pelo extrato do Banco sei que o cheque foi descontado». Só Deus sabe!

Amiga, de Cête, vem cá todos os anos e deixa quanto o coração dita. Agora, cinco contos. E regressou feliz — pelo amor aos Outros.

Parte dum vale de correio, expedido pela assinante 39773, de Queluz Ocidental. Mais 2.500\$00 do assinante 17258, de Baguim do Monte (Rio Tinto), para a renda de casa dum viúva.

Três mil, de Setúbal, «minha pequena lembrança referente a Outubro, com muito carinho por quem precisa».

Assinante 22898, do Porto: «Ao acabar de ler mais um GAIATO tinha vontade de acorrer a todas as necessidades! Mas, dentro das minhas possibilidades, mando um cheque. E Deus me ajude — como me tem ajudado — nesta vida que se vai aproximando do fim».

Outro cheque, abonado, da assinante 3119, de Paço de Arcos: «Peço muita desculpa aos Pobres por só agora mandar a contribuição relativa aos dez meses que já passaram. Desta vez, interrompi a leitura d'O GAIATO para não adiar mais!» A delicadeza das almas grandes!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO

TOJAL

CONVÍVIO — Atenção aos gaiatos que safram do Tojal! Alguns rapazes que estiveram em nossa Casa, e outros que por cá estão, pediram para se realizar um convívio no dia 8 de Dezembro. O programa seria assim: 9.30h, jogo de futebol com os antigos gaiatos; 12h, Eucaristia. Depois, o almoço. Barriga cheia, é tempo de contar aventuras... Pelas 17h, merenda. Pede-se: cada um se faça acompanhar de qualquer coisa. Um bolo ou outra coisa qualquer. Se a família for de 6 ou 7, pode cada um trazer o seu. Contactar, por telefone, o João Leiria — 9832422; e o Valdemar — 9820626. Por volta do jantar será a melhor hora. Até 20 de Novembro quem estiver interessado dê a sua resposta para haver tempo de preparar o que for preciso. Esperamos que este «anúncio» tenha sucesso!

AZEITONA — Está quase na altura de a começar a apanhar. As oliveiras envelhecem... Mesmo assim não deixam de nos dar o precioso fruto. Se há um ano em que a colheita seja fraca, o outro será melhor. Há boas previsões.

LARANJA — Quem entra na quinta pode notar, tanto de um lado como doutro, o crescimento da rica fruta, que será aperitivo das nossas refeições. As laranjeiras estão carregadas!

FUTEBOL — Em 18 de Outubro defrontámos uma equipa de futebol de salão. A nossa conseguiu impor-se com facilidade e obteve uma boa vitória: 10-6.

Luis Miguel Fontes

BENGUELA

LAVOURA — Começámos a colheita do tomate. Hoje mesmo partiram para Luanda 400 caixas, pelos camiões do nosso amigo Octávio. Esperamos outra colheita para breve.

Plantámos mais cerca de 4 hectares de tomates que serão colhidos só em Dezembro.

A cebola cresce a bom ritmo! Esperamos um outro tractor, mais potente (já deram sinais dele em Benguela) e uma carrinha (quem no-la dera!), também escondida no mesmo sítio do tractor, para os transportes.

OBRAS — Estão quase prontas as da casa-mãe. São os últimos retoques. Demoradas pela falta de materiais, principalmente azulejos. Mas se tudo correr bem, talvez possamos entrar nela no fim do mês.

Um grande abraço para os leitores.

Apelamos às empresas portuguesas, que trabalham em Angola e agradecemos tudo que nos puderem ajudar. O nosso endereço: Casa do Gaiato — C.P. 820 — Benguela — Angola.

Benjamim

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — O telefone toca. Fala a senhora Lurdes. O marido pô-la fora de casa e não tem chave para entrar: — Ele é um bêbado e tenho medo dele.

— Oh, senhora Lurdes, a esta hora não podemos fazer nada! Estamos todos a trabalhar e não podemos abandonar o serviço. Tente conciliar-se com o seu marido. Tem de ser a senhora a tomar a iniciativa. Quanto mais não seja pelos seus filhos, que precisam de vós dois.

Falou um bom bocado. No fim, dá-nos o prémio: «Olhe, desculpe, já me sinto melhor! Parecia que tinha qualquer coisa na garganta. Só chorava. Mas, já sei o que vou fazer. Diga ao seu chefe que não ralhe consigo porque o Senhor há-de ajudá-lo também».

É um casal difícil. Tem-nos trazido preocupações. O marido deita-se embriagado e levanta-se, de noite, para matar a sede pela garrafa, debaixo da cama. É difícil encontrá-lo sóbrio! Quando isso acontece, é atencioso. Mal viramos costas, a mulher e os filhos pagam pela má interpretação do que ouviu.

Nas nossas visitas, ao falarmos com ela, notamos que evita falar dele. E se perguntamos, encolhe os ombros e baixa a cabeça. O quarto onde dorme está fechado com um aloquete e só ele tem a chave.

Pôs um filho fora de casa e dorme em local pouco recomendável para a sua idade. Como trabalha, já tentámos encaminhá-lo para locais mais saudáveis. Recusa. E se for obrigado, foge de lá. Perdeu a confiança. Também não quer voltar para casa dos pais.

Nas nossas reuniões, ao falarmos deste caso, damos con-

nosco a reflectir; e muito nos tem valido o apoio dos nossos Padres e o olhar atento de Pai Américo, que intercede por nós junto do Pai Celeste. Sem eles, com certeza já teríamos desistido.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Da avó de Massamá, a viver em Lisboa, 2000\$00, para ajuda dos medicamentos ou outra coisa mais necessária ao casal jovem.

«Impressionado com a notícia, cujo recorte junto, remeto 5000\$00 para o casal jovem, com os meus agradecimentos pela oportunidade que nos oferecem para partilhar»; Neves, de Lisboa. Anónimo, 10.000\$00. Assinante 25219, 1000\$00.

Bem haja pela ajuda aos irmãos mais carenciados.

Adelaide e José Alves

Notícias de Moçambique

ANIVERSÁRIOS — Temos um grupinho de aniversariantes. Como fizeram em dias bastante próximos, juntámos a «festinha» para um dia só. Cinco caras alegres, a sorrir: Júlio, Ivo, Nelson, Jaime e Edson — um dos nossos «Batatinhas». Muitos parabéns!

A NOSSA FAMÍLIA — Lembram-se do Zacarias? Tinha saído de casa. Voltou. Encontrei-o várias vezes na cidade, mas com vergonha fugia sempre. Começou por se aproximar e, num dia chuvoso, procurei-o e perguntei se desejaria voltar. Que sim. Aqui está ele, alegre e recuperando as consequências da imundície em que vivia...

Quero voltar a falar do nosso benjamim, anunciar o seu bonito nome: Bruno Alberto. Está a crescer muito contente, a ganhar força e esperteza.

PRAIA — Para fugir um pouco ao rotineiro dia-a-dia, no domingo fizemos um passeio à praia. Saímos, de manhãzinha, na carrinha de caixa aberta. Só os «Batatinhas» na cabina. São seis. Uns vão ao colo, outros entre os bancos. Importa é chegar lá. E ânsia não faltava! Todos gozaram o dia da melhor forma. Até o Bruno Alberto foi ao banho com o Padre José Maria. À hora do almoço, sentados no chão e depois da habitual oração, esperámos o merecido prato. Temos que repetir este dia!

VISITAS — Os professores do Instituto Agrário de Boane vieram estudar a possibilidade de alguns alunos estagiarem, aqui, connosco. A FAO quer colaborar na florestação da Aldeia. O Padre David, visita habitual, trouxe quatro seminaristas e propôs que déssemos trabalho a quatro deles, para uma experiência útil. O que há demais é trabalho! Três *mamanas*, de Mavalane, passaram aqui um dia para conhecerem um pouco a nossa dinâmica, pois também trabalham com crianças da Rua.

OFERTAS — Recebemos, com muito agrado, um gerador de 27 KVA, oferecido pela USAID, Embaixada dos E.U.A. Iremos ter energia na fazenda, o que possibilita o adiantamento das obras. A Mabor deu setenta e cinco metros de cabo subterrâneo, muito útil para a ligação das futuras oficinas ao gerador. Duas ofertas que se completam convenientemente.

No ramo alimentar, a Cáritas doou trinta sacos de milho e trinta de feijão, já distribuídos pelas pessoas mais necessitadas, especialmente famílias sem qualquer tipo de rendimentos.

Carlos Roda

PAÇO DE SOUSA

AGRICULTURA — Os campos foram lavrados pelo Arménio. Por isso, vistos de nossas casas, notamo-los com grandes poças de água. A chuva chegou na altura própria. Sem água não há vida!

VISITAS — Continuamos a recebê-las, quase todos os dias. Muitas famílias — pais, filhos e parentes — passam cá os domingos. Gostamos muita das vossas visitas. Voltem sempre que puderem.

Esteve connosco um Bispo Auxiliar do Porto, e todos o esperavam com muito entusiasmo. Na hora do Terço fez uma breve palestra ao grupo que se prepara para o Crisma. Gostámos da visita.

OFERTA — Agradecemos à Escola Nº 3, de Aveiro, uma oferta de material escolar e outras coisas. Também, aos comerciantes do mercado da Corujeira (Porto) que, habitualmente, aos fins-de-semana, nos dão boa e apetitosa fruta.

A NOSSA FAMÍLIA — Continuamos a receber, em nossa Casa, mais crianças de

famílias sem possibilidades ou até mesmo abandonadas.

Esperemos que gostem dos novos irmãos e da sua nova casa.

SAÍDAS — O Paulo «Macaco» e o «Macaquinho» (irmãos), mais o Mondego, partiram para junto dos familiares. Boa sorte!

OBRAS — Prosseguem na casa 1. O «Merendas» e o Nuno andam muito atarefados e os respectivos mestres, também.

Esperemos que tudo corra bem e vejamos mais uma obra feita por eles.

FUTEBOL — No dia 24, defrontámos a equipa dos Bombeiros Voluntários de Paço de Sousa. Vencemos, com tranquilidade, por 12-3. Foi um jogo descontraído, pois os nossos jogadores estavam a precisar dum bom treino.

«Vitinho»

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

A Direcção da Associação dos Antigos Gaiatos do Norte levará a efeito a realização da Festa de Natal, destinada a todos os pequeninos até aos 10 anos, filhos ou netos de associados e mesmo não associados que pertençam à grande Família dos Gaiatos.

A Casa do Gaiato esteve sempre presente, através do apoio dos Padres da Obra da Rua, que, além disso, dão brinquedos e guloseimas distribuídas aos miúdos e, ainda, uma palavra amiga.

As Festas de Natal têm sido a menina dos olhos da Casa do Gaiato. Verificamos a grande alegria dos nossos Padres no contacto com todos aqueles pequeninos, que mais não são do que os rebentos da fecundidade da Obra da Rua e um hino de louvor a Pai Américo.

Eram realizadas no Lar do Gaiato do Porto, que ficava completamente repleto. Mas, resolveu-se que, futuramente, sejam em Paço de Sousa; querendo, assim, a Casa do Gaiato juntar os filhos e netos dos antigos gaiatos com os «Batatinhas» da nossa Aldeia, uma forma de partilharmos o grande privilégio de continuarmos unidos à grande Família da Obra da Rua.

O grande convívio será em 20 de Dezembro (domingo) pelas 15 horas, em Paço de Sousa, com um programa aliciente: música e cantares de Natal, filmes e distribuição de brinquedos e guloseimas a toda a pequenada.

Para que possamos ter ideia dos meninos e meninas que estarão presentes, solicitamos que mandes o impresso que vos será enviado, devidamente preenchido, até 30 de Novembro; indicando, também, se precisais de transporte.

Se conheceres algum antigo companheiro que não tenha conhecimento da Festa, diz-lhe que nos mande o nome dos filhos, pois queremos que ela seja de todos.

Fernando Marques

ÁFRICA

MOÇAMBIQUE

Continuação da página 1

dentado. A área de cerca de 5 ha é um tanto exígua, dados os afloramentos de pedra que dificultam a implantação dos edifícios.

A topografia foi oferecida pela C.M.C., uma empresa italiana executora dos Projectos Integrados nesta zona dos Pequenos Libombos. Já temos beneficiado de outras ajudas, como contentores, gerador e estradas internas, aqui na Massaca onde estamos e nas micro-empresas.

Toda a arquitectura da Aldeia será do arquitecto Mesquita, o nosso Amigo desde que no Infulene construímos a outra. As oficinas e escolas foram da sua lavra. Homem sem fé, mas de uma integridade arrelidadora para alguns, desprezado mas exigente, pobre e generoso, como só os Pobres são capazes. Para alguns é terrível; para nós, todo coração e mãos abertas, capaz até de aceitar as tropealias que a gente faz nas construções que risca. Quem é que disse: «Quando se é amigo dos homens, também se é Filho de Deus?»

Pois tem em sua mão e no seu coração o segredo da nossa Aldeia. Logo que esteja o projecto de conjunto delineado, havemos de trazê-lo para O GAIATO.

Falta água...

Ando, porém, amargurado porque não temos água que baste. A medição da possível

água potável deu hoje 5.000 l/dia. É pouca para o nosso consumo. A mina, única hipótese de água sem sal, já foi limpa. Se a chuva não vem (o ano não está promissor), ficaremos a seco.

Além disso, há o problema dos morcegos que, vivendo há muitos anos em plena liberdade, multiplicaram-se aos milhares e deixam a água imprópria. A importância destes bichinhos que comem milhões de insectos por noite, contribuindo para o nosso bem estar futuro, obriga a dar-lhes uma morada onde se acolham, em vez de os exterminar simplesmente.

Tão importante como esta, é a água para rega. Estamos a jogar a vida com Fé em Deus e também nos homens. Os custos de uma adutora para irrigação ascendem a quase quatrocentos mil dólares. Neste momento já foi apresentado o estudo prévio para aprovação.

É crucial que obtenhamos esta conduta. Dela depende o desenvolvimento da exploração da fazenda, a subsistência dos rapazes e o sustento de mais trezentas crianças do Projecto Pro-Vida, aqui na Massaca, onde agora moramos.

A notícia boa está no coração de Deus. No nosso, ainda que confiante, mora a angústia. Igual à de todo o povo moçambicano. — Senhor, queremos água!

Padre José Maria

BENGUELA

Flagelo cruel!

— Que queres?
— Tenho fome, sr. Padre.
Assim começou o diálogo com a Laura; à saída da Missa de domingo. Ela tem dois filhos mas não tem marido. Há muitos anos vive assim.

A fome! É o flagelo cruel que mata a maioria do povo angolano. A guerra foi a principal culpada. As consequências duram ainda. Até quando?!

Um saquinho de farinha (10 Kg) de milho prende os olhos por onde quer que passe. É a moeda de maior valor para a nossa gente do povo. Não me perguntem como pode ser isto numa terra tão farta de tudo. Os homens são os culpados. Os chefes políticos, os grandes responsáveis por tamanha calamidade.

Povo de Angola, quem te merece de tão bom que és?! Contentas-te e és feliz com tão pouco e nem esse pouco permitem que o gozes! Bates palmas de contentamento e gratidão quando recibes por justiça o bocadinho que te mata a fome!

Boa parte das nossas voltas são dadas à procura da comida. E do preço, nem se fala! Pobre gente!

Não pode haver repouso enquanto não estiver garantido o pão de cada dia aos que encontramos no caminho. À medida que vamos reparando os buracos da nossa Casa do Gaiato, temos de cuidar da

solidez dos alicerces. Como? Dando pão à gente que tem fome para não morrer. Assim a reconstrução vai-se fazendo sobre o estômago saciado por força da justiça e aquecido pelo fogo da Caridade. Daqui nos vem a certeza do trabalho fecundo a realizar pela Obra da Rua em Angola, agora e para o futuro.

Quem olha pelas crianças?

Os adultos preocupam-nos. Os jovens também: nascidos na guerra, criados na guerra e educados na «candonga». Com estes valores negativos na estrutura pessoal há uma geração que é fermento de instabilidade social. Mas, as crianças? É por elas que há-de refazer-se o tecido original da nação. Quem olha por elas?

Há dias, ouvi o desabafo da nossa Teresa, tão impressionada estava diante duma multidão de pequeninos comidos pelas moscas, a chorarem com fome, com os raios de sol tropical a queimar-lhes as cabecitas: «Quem nos dera alguém que olhasse por eles enquanto as mães trabalham!» Oh, quem nos dera! Alguém com jeito para crianças, com muito amor e alguma sabedoria. Seria uma luz acesa na noite escura. Sim, porque é importante nesta hora que venha quem ajude a preparar os caminhos que não-de ser percorridos pela gente da terra. Este é um

investimento de primeira grandeza. Ficamos a pensar em como realizá-lo.

Caminho de humildade

Ao fim da tarde, já depois do sol posto, subi ao bairro que fica nas traseiras da Casa do Gaiato. É um amontoado de cubatas, onde vivem alguns milhares de pessoas. Fui levado por uma trabalhadora do campo que tinha a sua casa por cobrir. Apeteceu-me ficar ali algum tempo. Como era um pequenino morro batido pela brisa do mar pude ver o espectáculo de pobreza e miséria. As crianças em primeiro lugar. Mais uma vez a pergunta habitual? Que fazer por este povo?

Aqui o coração e a cabeça têm que andar juntinhos. Cada um faça o que puder; o resto é obra da justiça e caridade.

Estou a dar conta da sensibilidade delicada que é pedida

ao trabalhador desta seara. Com um poder de compra quase nulo para o que é essencial à vida, este povo necessita de quem o acolha em todos os seus problemas. Apetece-me dizer: ele é que tem sempre razão porque nada possui. Verdadeiro

caminho de humildade nos é proposto em cada dia que nasce!

A Laura levou o saco da farinha e o peixe seco. A Verónica dormiu já naquela noite em sua casa coberta com as chapas de lusalite que fui levar-lhe. Havias de ver,

com teus olhos, a alegria dela mais a dos filhos e dos vizinhos! Sabeis quanto custa uma chapa de lusalite? Vinte e dois mil e nove centos kwanzas. Sabeis quanto ganha mensalmente um trabalhador rural? Vinte mil novos kwanzas. Eis!
Padre Manuel António

MALANJE

A nossa Aldeia

OS CAMPOS ficaram verdes e as árvores vestidinhas de novo. As nossas mangueiras floriram. Tons alourados e castanhos. Foi uma explosão! Grandes novos — como se uma só flor! — projectados no céu!

Hoje, é domingo. Tivemos Missa às dez. Já foram os nossos rapazes que acompanharam com cânticos. Muito bem. O António («Malazar») ensaiou e dirigiu. Os seus braços são duas batutas cheias de ritmo e vida.

Quem diria, há um ano, vendo a capela sem portas, o telhado esburacado e os tacos do chão revestidos de bostas de vaca... de novo, nela, o louvor ao Senhor e à Sua Palavra! É, hoje, o quarto dia depois das

eleições. Nem um tiro! Tudo silencioso e calmo. Será o milagre de Deus por que todos suspiramos?!

A procriação sem cuidar e educar é uma monstruosidade!

ENTRARAM mais cinco. São irmãos de mãe. Esta morreu e pais não há. Cheinhos de sarna! Aquele enxofre amarelinho não há... Uma boa camada dela para os pais que os sacudiram como as gotas de orvalho antes de chegarem à pele... Que Deus me perdoe este mau pensamento. Mas que a procriação sem cuidar e educar é uma monstruosidade; isso é!

Logo no primeiro dia quiseram trabalhar, com os outros, nas limpezas e rega.

Leite para o velho Diogo

O VELHO DIOGO está muito doente dos pulmões. Leite e leite... Como vinham muitas vezes, indaguei: «Filhos e netos... Não posso tomar e eles olhando só...» Uma dose maior. Não há outra solução.

Se mandares uma lata do «dito» para Paço de Sousa ou para outra das nossas Casas do Gaiato, ela virá ter aos pulmões do Diogo no próximo contentor.

Padre Telmo

Cooperativa de Habitação

Continuação da página 1

— parte mais dolorosa do empréstimo. Estamos gratos aos nossos Padres, particularmente ao Padre Manuel António e Padre Carlos, que nos apoiaram desde o primeiro dia, inclusivé pela cedência do terreno onde se construíram as habitações.

Neste momento de alegria, recordamos um homem que foi o principal responsável pelo arranque da Cooperativa: o Dr. Coutinho Pais, na altura Presidente do I.N.H., falecido num acidente em serviço do seu departamento. Esperávamos muito dele. Perdemos um grande amigo! Em sinal de gratidão, demos o seu nome à praceta existente ao fundo da urbanização.

Não esquecemos outros grandes amigos, alguns dos quais presentes na festa: O Dr. Nunes de Carvalho, actual Presidente do I.N.H.; Eng. Defensor; Eng. Rodrigues Gomes que ofereceu o projecto de electricidade; Eng. Salinas, os cálculos de betão; Presidente da Câmara Municipal de Penafiel, do qual temos a promessa de ajuda no custo da exploração da água e electricidade.

Ao Arq. Armando Barbosa, um agradecimento muito especial. Para além de oferecer o projecto das habitações, acompanhou, desde o primeiro dia, os trabalhos da construção.

A todos os amigos, alguns anónimos espalhados por todo o Portugal, que em momentos difíceis nos transmitiram palavras de

muito amor e carinho, expressamos, também, o nosso muito obrigado.

Fechamos este apontamento transcrevendo uma carta da Associação dos Antigos Gaiatos de Setúbal, que nos sensibilizou muito:

«O homem sonha, Deus quer, a obra nasce» — um projecto de vida.

Aconteceu convosco pôr termo à obra. A semente que lançaram está a dar frutos.

É um acontecimento histórico na vida da Obra da Rua. Damos graças a Deus por esse objectivo. Consagra a doutrina de Pai Américo, «fazer de cada rapaz um homem», sempre no espírito de todas as Associações de Gaiatos; sermos cada vez mais irmãos, criando e mantendo entre todos a verdadeira solidariedade, dando em toda a parte o testemunho pela obra realizada, do maior alcance social, que proporcionou habitação a 19 cooperadores e famílias.

Com muita alegria recebemos o vosso convite para inauguração. Não temos possibilidade de estar presentes. Conscientes desta realidade, a nossa presença nesse dia de festa está no pensamento de cada um de nós.»

NOTA — A partir de agora, qualquer correspondência será endereçada para: Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos — Urbanização da Cooperativa dos Gaiatos, Bloco 1, r/c Esq. — Lugar de Vales — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

Carlos Gonçalves



A maior parte das 19 famílias contempladas pela Cooperativa de Habitação.

ESTATUTO EDITORIAL

É norma legal para a Imprensa a elaboração do Estatuto Editorial por que se rege cada publicação. O GAIATO, tão pequenino, tão diverso de tudo o mais que sai dos prelos — o *Famoso*, o *Desordeiro*, o *Revolucionário*... — pensou que estava de fora da exigência e nunca com tal se preocupou.

Classificado, agora, pela Alta Autoridade para a Comunicação Social, como jornal «de informação especializada de expansão nacional», a mesma Alta Autoridade pede-nos o Estatuto, que deve ser publicado em uma edição do próprio jornal.

Nem foi difícil fazê-lo, nem custa nada publicá-lo. É mais uma oportunidade para nos reencontrarmos com o pensamento do Fundador, pois os princípios que constituem o pequeno documento, excluindo a introdução e a conclusão, são todos e só da pena de Pai Américo.

Ei-lo:

1. O GAIATO nasceu da fome e sede de Justiça que consumiu o seu Fundador — paixão que ele mitigou, contagiando muitos de idêntica fome e sede. Assim, deixou expressa a sua vontade relativamente ao mote e ao modo de o comunicar.

2. «O século de agora anda esquecido. Os Pobres constituem encargo indesejável. Ora Deus quer que pela nossa oração e acção se indique ao mundo o caminho da Verdade.»

3. «Pela força e crédito dos seus escritos, defendam os direitos e levem os homens a reconhecer e a respeitar o Pobre.»

4. «Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus. Só

desta forma corresponde e faz valer o dom.»

5. «No seu periódico O GAIATO e em outras edições, não peçam nem aceitem propostas de anúncios sobre assuntos do século. Todo o espaço e todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas.»

6. «Também não aceitem colaboração de estranhos, ainda que homens de saber e de virtude. Dê-se, sim, preferência ao Rapaz, que por isso se educa e revela, fazendo bem às almas dos que lerem.»

7. «Não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um.»

8. Tal se procura cumprir, na «fragilidade das nossas misérias».

A PORTA ABERTA...

E eu quero entrar

Continuação da página 1

está continuamente a brilhar para a muitos alumiar.

Muitos cegos podem ver, muitos coxos caminhar, muitos surdos poderão ouvir, muitos oprimidos se poderão libertar... A semente já foi lançada à terra, morreu e já deu muito fruto. A Obra cresceu, está feita e a fazer-se, a realizar a sua missão; não falta a Luz de todas as horas. Continuem a vir os que precisam de ser curados e os samaritanos e samaritanas que recebem o dom de curar todos os males.

A porta está aberta... Eu vou entrar.

Júlio Pereira

N. da R. — Uma notícia feliz esta que o Júlio Pereira nos proporciona em sua apresentação à grande Família da Obra da Rua.

Engenheiro electrotécnico com obra feita, eis que, na plenitude da vida, opta por outro modo de realizá-la, deixando tudo, deixando-se

a si mesmo, para «se fazer tudo para todos», mormente «os mais caídos, os mais abandonados».

Há cinco anos que dura a opção. Cinco anos de caminhada discreta, silenciosa, que o aproxima da meta desejada: ser padre e entrar pela porta que Pai Américo abriu em nome do Senhor e ficou *Porta Aberta*.

Porque aberta, e em nome do Senhor, mais esta entrada robustece a Esperança de que outros não-de entrar. Só Deus sabe deles — e na hora que Ele sabe, os encaminhará para ela. Nós não vemos senão uma aurora tênue, mas temos a certeza de que ela se tornará manhã radiosa mesmo que a não cheguemos a ver. Nem por ser este o grande problema da Obra — a necessidade de sangue novo — nem por isso é problema que nos tire o sono. A nossa principal acção terá de ser rezar e sofrer — «esperar activamente», como escreveu Pai Américo — para assim merecermos novos obreiros: padres, senhoras e rapazes. O resto é com o Senhor da messe. Ele é Quem escolhe, Ele é Quem chama, Ele é Quem porá o sim no coração e na boca dos chamados.

Visitantes

NUM dos últimos sábados, com bastantes carros e visitantes, chegou um *mercedes*. De dentro saíu o motorista que entregou uma oferta e apresentou o sogro que, o ano passado, veio em dia de vindima e gostou muito do trabalho dos rapazes.

Teve muita sorte porque ali perto andava um rancho deles, empregados nos escadotes, a colher uvas da ramada. Aquele Amigo passou toda a manhã deliciado a ver aquele encanto de trabalho. Só depois visitou a nossa Casa. O nosso trabalho também serve de recreio.

DOMINGO, no fim da Missa, entrou na sacristia um grupo de homens, de Campanhã. Vieram trazer a oferta angariada entre si. Um, veio a primeira vez. Outro, já nos visita há trinta e tal anos e quer vir sempre enquanto tiver vida. Despediram-se com muita alegria. Fiquei a olhar esses

VISTAS DE DENTRO

passos de felicidade porque entregaram pedaços do seu pão. Soube-nos muito bem esta visita em comunhão de Eucaristia naquela hora.

HOJE, a festa de S. Simão trouxe muitos devotos a nossa Casa. A avenida parecia de romaria. Passei pela vacaria onde encontrei o sr. Silva muito zangado e voz gritante: «Não há direito! Esta gente mete-se nas pocilgas dos porcos. Entram em toda parte. Não têm vergonha nenhuma!» Procurei acalmá-lo. Recordei-lhe a doutrina de Pai Américo: «Nós somos a porta aberta». Se somos a porta aberta é para as pessoas entrarem. Ele ficou em silêncio e, depois, com um sorriso nos lábios e na face, respondeu: «Tem razão! Não volto a ralar com ninguém.» Só ralha com a boca, não com o coração. Podem entrar pelas nossas portas abertas.

A maior parte dos que vivem nas Casas do Gaiato não saborearam o leite das mães

DEI uma volta pelos espaços que rodeiam todas as casas da nossa Aldeia. Conte nove casotas de cães — quase todas têm dono — cobertas e com palha ou roupas a servir de cama aos cachorrinhos.

Numa delas estava um dos nossos pequeninos com um recipiente de plástico na mão, cheio de leite. O pequeno bem chegava o leite ao focinho do cãozito, mas este não o quis beber, apesar da insistência.

Este moço tratava amorosamente o animal com cara muito triste por ele não beber o leite. Fiquei uns momentos a olhar aquele quadro. A maior parte dos que vivem nas Casas do Gaiato não saborearam o leite das mães. Agora, cuidam maternalmente dos seus queridos animais.

Padre Horácio

Tribuna de Coimbra

Vou buscar o Bruno para um futuro melhor

É a pensar no Bruno que escrevo esta coluna. É um Bruno, de Lisboa. Vive paredes-meias com o Casal Ventoso. O SOS — estatal — carregado de amargura e impotência dizia: «É um miúdo abandonado. Anda a dormir em plena rua. Há muito que assim acontece, só que era dentro de um carro e passava despercebido. Agora, o caso tornou-se público e ninguém se cala». De dia, anda por onde calha. Continente e Amoreiras, a escola do seu viver. Por lá,

dizem os colegas (possivelmente seus cúmplices), rouba de tudo um pouco: desde os telecomandados ao essencial para viver — para subsistir. Fuma e bebe. Tem onze anos e nunca foi à escola... Depois, o pedido do nosso cantinho.

Fui por ele porque «me dá ganas» ir ver, embora acredite. Quando vejo, rezo e sinto o Evangelho aquecer-me a vida. Cheguei de noite, única altura de não ir em vão. Eram 21.30h. Diz a vizinhança, junto da qual indago, que ainda é cedo para poiso dele. Com o Nuno, meu companheiro (também ele

vindo das ruas de Lisboa), procuro um «tasco» para comer qualquer coisa. E voltámos a descer. A rua, íngreme, tem casas boas e más. Por trás, escondidas, muitas barracas. Numa delas, vive a mãe do rapaz com um homem. É o Casal Ventoso.

A meio da rua topo o moço. Boina na cabeça, de pala voltada para trás, apito estridente pendurado ao pescoço. Gestos rasgados e desinibidos, porte de quem é dono do mundo... Um senhor daquela rua que o repudia.

«É ele» — disse o meu coração. Estaquei o meu andar. O Nuno, embaçado, não articulava palavra. O sonho do seu passado recente tinha ali retrato.

— Ó fulano, como te chamas? Resposta pronta e destemida: — Bruno... Era ele! Não havia dúvida. Depois, uma conversa ligeira e conta banalidades do seu bairro: «Aqui só há destas... destes e daquelas...». Um conhecimento inteirado. Tudo com nomes altos e bem sonantes. O assobio entrecortava o relato. À mistura, o palavão usado com inteira liberdade. Os olhos do miúdo, mergulhados na noite, transpiravam ansiedade por encontrar alguém. Mais dois dedos de conversa

e eu não me mostro. Não digo quem sou nem ao que venho. Aos olhares da vizinhança que me relata a vida do rapaz, sou o tal do colégio... Digo que não e venho-me embora deixando essa dúvida. Deslisando rua abaixo, Bruno continuaria entregue à sua sorte se não trouxesse o firme propósito de o ir, hoje mesmo, buscar para uma cama decente, em nossa Casa, prometendo ajudá-lo a encontrar um futuro melhor.

O Bruno tem pai, mãe e irmãos. Contudo, gente do mesmo estilo. Árvores sem raiz, das quais ele é um fruto eloquente.

Quando me vim embora era quase meia-noite. Mais ou menos à hora em que se iria deitar no passeio da sua rua. Trazia sono, preocupações, e um certo cepticismo sobre tantas coisas que ouço dizer de direitos humanos, de fraternidade e até de processos de evangelização.

Vou buscá-lo ainda hoje, se o encontrarem. Há pouco telefonou o director do COAS, de Lisboa, dizendo que a minha presença o fez mudar de poiso. Ninguém sabe dele. É natural. A atracção da rua dificulta e o canto da sereia é de há muito. Mas eu irei por ele. Ponho a mão em ti. O mandato é do Evangelho.

Padre João



MAPUTO — Baptismo de catorze rapazes.



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média, por edição no mês de Outubro: 71.533 exemplares.